



CORPOS QUE MENSTRUAM NO TERREIRO: HOMENS TRANS E PESSOAS NÃO BINÁRIAS NO CANDOMBLÉ DE KETU

Palavras-Chave: Pessoas trans, menstruação, Umbanda Omoloco

Autores(as):

Michelle Perez Dos Santos – UNICAMP

Professor Dr. Co- orientador Humberto Santana Júnior- CEFET/RJ

Prof^(a). Dr^(a). Daniela Manica orientadora (LABJOR/UNICAMP)

OBJETIVOS E METODOLOGIA: A pesquisa consiste em responder quais são os papéis sociais que os homens trans e pessoas não binárias menstruadas possuem dentro do terreiro de candomblé de Ketu. A forma metodológica que utilizada foi a entrevistas com filhos de santos e babalorixá. Os resultados esperados são de entender se a menstruação está atrelada ao gênero feminino nos rituais religiosos no candomblé. Por fim, busca-se entender qual a agência do sangue menstrual e porque ele pode possibilitar que os homens trans e pessoas não binárias, façam ou deixem de participar da devoção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos aos meus orientadores pelo apoio durante todo o percurso desta pesquisa. Minha gratidão também vai para Lucas, Pai de Santo do axé Aldeia Pena Azul, que generosamente abriu as portas de sua casa para esta investigação, e ao CNPQ pelo financiamento. Agradeço ainda a toda a boa sorte e espiritualidade que estiveram envolvidas neste processo.

No início da pesquisa, eu estava muito animada e ansiosa para ir a campo. Inicialmente, planejava pesquisar um terreiro de candomblé, conforme a proposta enviada ao CNPQ. No entanto, após várias conversas, Lucas, que tinha acabado de "fazer o santo" no candomblé, explicou que, por ser novo na religião, ainda não se sentia à vontade para falar sobre o candomblé. Segundo Márcio Goldman (2023), "fazer o santo" significa renascer espiritualmente, recebendo um novo nome em Yorubá e estabelecendo uma conexão profunda com o Orixá individual, que passa a ser reverenciado através de rituais e oferendas.

Apesar de Lucas se reconhecer como Yao (recém-nascido no candomblé), ele mencionou que, em seu terreiro, questões como menstruação e regras sociais são tratadas com respeito e exclusividades, independentemente do gênero. Ele ressaltou que na casa de seu Pai de Santo, mulheres cisgêneras, homens trans e pessoas não binárias são bem-vindos e que a menstruação não é vista como algo que interfere negativamente nas energias espirituais.

Diante dessa situação, Lucas me sugeriu realizar a pesquisa em sua própria casa, que segue a linhagem da Umbanda de vertente Omoloko, uma tradição afrocentrada com raízes profundas na cultura Banto. A casa, fundada há três anos, reflete a sabedoria adquirida por Lucas ao longo de 15 anos de prática religiosa.

Minha familiaridade com o campo antropológico foi facilitada pela minha mãe biológica, que já tinha contato com Lucas, e, em 2011, frequentei a casa de seu Pai de Santo. Após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética em ciências humanas, comuniquei a Lucas a temática do estudo sobre homens trans e pessoas não binárias no Candomblé de Ketu. Lucas foi muito receptivo e mencionou que sua casa incluía dois filhos de santo trans que estavam dispostos a participar da pesquisa.

Conforme descrito por Nei Lopes (2019), a Umbanda tem suas origens em práticas afro-brasileiras, como o culto de cabula, que mais tarde deu origem à Umbanda. A vertente Omoloko, em particular, diferencia-se por seguir tradições mais afrocentradas, ao contrário de outras formas de Umbanda que mesclam elementos do catolicismo e de outras religiões. Como observado por França (2023) em "Umbanda Esotérica com S", essa vertente se caracteriza por práticas ritualísticas e curativas, onde o papel das entidades, como os pretos-velhos, é fundamental.

Dentro do terreiro Aldeia Pena Azul, fui inserido em um curso online para filhos de santo, onde aprendi sobre os Orixás e as entidades espirituais. Lucas explicou que os Orixás são energias da natureza, comparáveis a pessoas que compartilham o mesmo nome, mas possuem características únicas. Essas energias influenciam a personalidade e o comportamento dos praticantes, dependendo das demandas espirituais e dos desafios enfrentados pelos consulentes.

No terreiro, as entidades espirituais são divididas em linhas de esquerda e direita. As entidades de direita, como os pretos-velhos, caboclos e boiadeiros, são espíritos que trazem sabedoria e auxílio aos vivos, enquanto as entidades de esquerda, como Exus e Pombogiras, representam figuras sociais marginalizadas. Lucas enfatizou a importância de tratar bem as pessoas dentro e fora do terreiro, respeitando as diferenças sociais e culturais. Ele também destacou a inclusão da comunidade LGBTQ+ na casa, refletindo a conexão entre religião e questões sociais e políticas.

A questão da menstruação foi abordada diretamente durante uma entrevista com Lucas, onde ele afirmou que, no terreiro Aldeia Pena Azul, a menstruação não interfere nos trabalhos espirituais. Homens trans e pessoas não binárias podem realizar todas as atividades, incluindo cozinhar, sem restrições. Lucas mencionou que o preconceito relacionado à menstruação e às pessoas trans é de natureza social, não religiosa, e que os terreiros devem evoluir juntamente com a sociedade, valorizando o caráter e as atitudes das pessoas acima de tudo.

Durante a pesquisa, aprendi que cada terreiro tem suas particularidades e que as práticas relacionadas à menstruação e ao gênero variam de acordo com a espiritualidade e as tradições de cada casa. Na Aldeia Pena Azul, a influência espiritual é mais relacionada aos pensamentos e atitudes dos praticantes, e todos têm livre-arbítrio para agir, sabendo que colherão os frutos de suas ações, sejam eles bons ou ruins.

Por fim, observei que no terreiro Aldeia Pena Azul, as pessoas trans e não binárias têm liberdade para vestir o que quiserem, desde que seja branco, sem distinção de gênero. A menstruação, assim como a discriminação associada a ela, é vista como um preconceito social e não religioso.

CONCLUSÕES:

ASPECTOS RELEVANTES SOBRE A PESQUISA:

- Em suma, aprendi que cada casa é um caso e através do Livro de Bianca França (2023) pude enxergar que existem motivações espirituais para que a menstruação não seja aceita em alguns ambientes e isso está relacionado a menstruação e não a corporalidade das pessoas que menstruam.
- No caso da Aldeia Pena Azul; não existem interferências espirituais quanto a isso, e durante o processo da pesquisa fui comunicada que a questão da menstruação ser um tabu ou não é variável por conta também da universalidade e ao mesmo tempo a pluralidade de umbandas existentes (FRANÇA,2023).
- O que dá mais peso em relação a afetação do corpo seja ele cis ou trans na Aldeia é os pensamentos, sejam eles positivos ou negativos, e as atitudes dos filhos de santo no âmbito religioso e social, e que eles possuem livre arbítrio para fazerem mal ou bem (Lucas,2024) contudo eles terão que arcar com suas colheitas, sendo elas boas ou ruins.
- O último ponto também importante é que os homens trans e pessoas não binárias podem vestir o que quiserem, sem distinção do que é de homem ou mulher, é uma forma de vestimenta gênero, contudo precisa ser Branca.
- A menstruação, assim como a discriminação de pessoas que menstruam; se dá pela sociedade e não pela religiosidade (LUCAS,2024).

BIBLIOGRAFIA

DIAS, CLAUDENILSON . Identidades Trans* em Candomblés: entre aceitações e rejeições. 1. ed. Salvador: Editora Devires, 2020. v. 1. 186p .

FRANÇA, Bianca Zacarias. Esotérica com S: multiplicidade religiosa, corpo e gênero em um terreiro de umbanda. Curitiba: Appris Editora, 2023.

GOLDMAN, Márcio. Do outro lado do tempo: sobre religiões de matriz africana. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2023.

MARIO FILHO,. Voltar Umbanda Omolokô Tatá Tancredo da Silva Pinto: pequena biografia Tata Tancredo da Silva Pinto: pequena biografia. 2010. Disponível em: <https://templopanteranegra.com.br/umbanda-omoloko/tata->

RIVAS, Lucas. Entrevista com Pai de santo do axé Aldeia Pena Azul. 2024.